



A GEOGRAFIA DA UTOPIA

Daniel de Albuquerque Ribeiro ¹

RESUMO

Este artigo, objetiva relatar algumas das constatações obtidas na construção da disciplina Geografia dos Espaços Alternativos, outras possibilidades, novas esperanças, lecionada no Programa de Pós Graduação em Geografia da UFF/Campos. Neste, são apresentados alguns textos utópicos publicados em diferentes temporalidades e espacialidades, no intuito de apontar que mesmo em contextos diferenciados e partindo de diferentes concepções filosóficas, é possível observar afinidades entre as distintas concepções utópicas que permeiam a humanidade. Aqui o enfoque é dado na contribuição da educação e em especial da Geografia para a construção da festividade utópica, permeando aspectos da tomada de consciência espacial, considerando as distinções escalares e o respeito às socio diversidades como um passo para a coesão de uma marcha única que gire em torno da socio unidade.

PALAVRAS CHAVE

Geografia, Educação, Utopia

ABSTRACT

This article aims to report some of the findings obtained in the construction of the Geography of Alternative Spaces, other possibilities, new hopes, discipline, taught in the Graduate Program in Geography at UFF/Campos. In this, some utopian texts published in different temporalities and spatialities are presented, in order to point out that even in different contexts and starting from different philosophical conceptions, it is possible to observe affinities between the distinct utopian conceptions that permeate humanity. Here, the focus is on the contribution of education and, in particular, Geography to the construction of the utopian festivity, permeating aspects of spatial

¹ Pós-doc PNPd CAPES no Programa de Pós Graduação em Geografia (PPG) da Universidade Federal Fluminense de Campos dos Goytacazes (UFF/Campos), danalrib@gmail.com;



awareness, considering scalar distinctions and respect for socio-diversities as a step towards the cohesion of a single march that rotates around socio-unity.

KEY WORDS

Geography, Education, Utopia

INTRODUÇÃO

No ano de 2019 se propôs ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense de Campos dos Goytacazes a oferta de uma disciplina intitulada: *“Geografia dos Espaços Alternativos, outras possibilidades, novas esperanças.”* O objetivo das aulas era estudar o Espaço Geográfico no viés da Geografia Histórica pelas lentes de textos utópicos. Até o momento a disciplina já foi ofertada duas vezes com uma turma finalizada e outra em andamento.

Os debates e reflexões durante os encontros permitiram a constatação de alguns padrões no escopo de livros que foram estudados, dentre os quais destacamos três aspectos: Em primeiro lugar, constatou-se que independente da temporalidade, os textos utópicos estudados trazem consigo uma denúncia dos sistemas vigentes no momento em que foram publicados. Sendo assim, mais do que uma proposição de mundo alternativo as utopias são alertas à humanidade de que a ordem das coisas da forma como estão, não vão bem. Em segundo lugar, observou-se que apesar de abordagens distintas é possível encontrar objetivos similares na visão dos autores. O terceiro ponto gira em torno de uma convocação para união das forças em torno de uma luta que avança sobre a estrutura que perverte.

Partindo desses pressupostos, este artigo tem por objetivo debater como a Geografia pode ser utilizada para despertar olhares diante da estrutura vigente, sendo um importante instrumento que permita romper com os grilhões conformistas de aceitar a ordem das coisas da forma como estão. Assim, a Geografia das utopias permite aos que por ela trilhem a possibilidade de observar a perversidade estrutural dos sistemas vigentes, ao tempo em que exercita o potencial criativo de pensar alternativas de mundo.

Na seção da metodologia, será explanada a metodologia utilizada nos encontros que ocorreram durante a disciplina. Seguida pelo referencial teórico onde serão



apresentados os livros e autores que foram debatidos em sala. Após isso, algumas das constatações obtidas durante os estudos e debates, serão explanadas na seção referente aos resultados e discussões e por último traremos as considerações finais.

METODOLOGIA

As duas edições da disciplina se deram no contexto da Pandemia da COVID-19², o que exigiu a utilização da modalidade de ensino a distância e por conta de suas limitações a necessidade de adaptar a metodologia planejada para a aula presencial. Sendo assim, os encontros ocorreram de forma remota, utilizando a plataforma do Google Meet e todo o material de leitura utilizado foi disponibilizado em PDF.

Como forma de complementar e contextualizar geográfica e historicamente o mundo e realidade vivenciada por cada autor, foram indicados documentários, a maioria deles disponíveis no Youtube. Também foi incentivada a colaboração das turmas para o enriquecimento de leituras complementares e a utilização de outras formas de informação.

A proposta inicial era a de encontros semanais para que fosse possível aprofundar em um maior número de leituras e debates. No entanto a sobrecarga do ambiente virtual na rotina dos alunos tem gerado exaustão e outros efeitos prejudiciais a saúde. Isso exigiu que o modelo proposto se flexibilizasse para o modo síncrono e assíncrono alternados semanalmente.

Ainda visando mitigar os impactos psicoemocionais da Pandemia na rotina dos alunos, foram utilizadas técnicas de relaxamento e outros recursos que permitissem aos alunos ter momentos diferenciados nos encontros. Algumas dessas técnicas incluíram o trabalho com a respiração, atenção ao corpo, concentração em uma música e a proposição de atividades lúdicas para a compreensão de alguns textos.

A dinâmica em aula consistia na prévia divisão de capítulos dos livros entre os alunos, exceto nos casos de livros com menores em que todos liam, e o debate nos encontros. O professor incentiva a quebra de paradigmas com o questionamento diante

² No dia 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020), sua disseminação impactou direta e inderetamente toda a sociedade mundial, exigindo dentre muitas medidas a necessidade do isolamento social e a adaptação das atividades presenciais ao sistema remoto.



de questões aceitas como “normais”. Assim, em muitos momentos as dúvidas e inquietações eram comuns, inclusive do professor.

O método de procedimento utilizado é o histórico e o comparativo, no qual se busca comparar as diferentes ideias dos autores, contextualizando-as em sua perspectiva espaço-temporal, para a partir delas buscar sínteses conceituais. Em outras palavras, ainda que cada autor tenha partindo de distintas bases filosóficas e culturais, procurou-se observar as similaridades de suas visões e proposições.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção está relatado como se estruturou a ideia da disciplina, citando as obras que serviram de referência para os debates. A utilização da obra de um autor não impediu nem limitou a citação de outras referências no decorrer dos encontros, mas serviu como fio condutor das reflexões.

Três são os principais autores que nortearam a construção da disciplina, Milton Santos, David Harvey e Platão. Assim a disciplina tem seus dois primeiros meses fundamentada principalmente por algumas das ideias debatidas nos seguintes livros: “*Espaços de Esperança*” (HARVEY, 2004) e “*Por uma outra Globalização*” (SANTOS, 2003).

A partir dessas obras contemporâneas, são debatidos alguns textos que representam diferentes perspectivas utópicas. Iniciando com “*A República de Platão*”, escrito por volta do século IX A.C., é possível fazer uma breve e superficial análise do contexto espacial no mundo antigo com ênfase na Grécia, Roma e Egito, para após isso, enfocando no contexto europeu, pontuar elementos do Sistema Feudal e dentro da perspectiva de um mundo europeu que transitava do Feudalismo para o Capitalismo analisar o clássico “*Utopia*” de Thomas Morus (2020).

Posteriormente, se realiza uma comparação de três livros, que refletem contextos espaço temporais distintos. Na obra “*A Riqueza das Nações*” de Adam Smith publicada em 1776 podemos observar os ideais utópicos capitalistas ao tempo em que fazemos o seu contraponto com “O Manifesto do Partido Comunista” escrito por Marx e Engels em 1848, seguido da obra de Henri Thoreau “*Desobediência Civil*” escrita em 1849.

Nesses três textos podemos contrapor debates de uma visão capitalista, comunista e anarquista (ainda que Thoreau não se considerasse um anarquista). Esse



momento histórico recheado de fatos em que a espoliação do espaço geográfico pela burguesia capitalista se intensifica e que ao mesmo tempo os movimentos sociais se organizam é repleto de elementos que permitem reflexões a respeito das contradições do sistema capitalista e a necessidade de articulações sociais como uma força contrária ao processo de destruição da vida em todas as suas dimensões (física, vital, emocional e mental).

A escassez de tempo impediu que fosse possível aprofundar nas diferentes perspectivas que pululam os séculos XX e XXI, mas selecionou-se algumas visões apontando-as como um ponto de partida. Assim, dentro de uma visão espiritualista utilizou-se o livro *“Educação Fundamental,”* (2018) embasada teoricamente pela obra *“Revolução da dialética,”* (2019) ambos de Samael Aun Weor.

Yves Lacoste em seu clássico *“A Geografia isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra.”* Oferece um importante balanço do momento histórico em que a URSS já apontava sua derrota na dita guerra fria e ao mesmo tempo oferece importantes reflexões sobre a necessidade de utilizar a educação como a maior arma para combater as forças opressoras. Cabe aqui a ressalva que essa perspectiva é sinalizada desde Platão, como será melhor demonstrado na próxima seção.

Michel Foucault (2013), contribui para as reflexões com o conceito de Heterotopia, que buscamos dialogar em conjunto com o livro de Hakim Bey (2019): *“TAZ”*. Assim, construímos o raciocínio da disciplina combinando essas diferentes perspectivas com a visão distópica do mundo apontada por Jaques Brient (2020) em seu texto *“Da Servidão Moderna”*, mas que forma juntamente com Santos (2003) e Harvey (2004) uma poderosa compreensão da necessidade de unir as diferentes pautas em uma marcha em comum.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No livro *“Espaços de Esperança”*, David Harvey (2004) faz uma classificação dos diferentes tipos de utopia. Após lembrar que o planejamento urbano historicamente é influenciado por ideais utópicos, considera dois tipos de utopia: As *“utopias da forma”* e as *“utopias do processo”*.

Para o autor no primeiro caso a utopia da forma estaria pautada na livre organização espacial e citando o clássico de Thomas Morus (2001) *Utopia*, escrito em



1516 explica que nas utopias da forma, os processos são engessados pela estrutura rígida. Após isso, cita alguns exemplos como o Projeto New Harmony, de Robert Owen; a Cidade Ideal, de Fourier; a Roadtown, de Edward Chambless; o “movimento das novas cidades”, de Ebenezer Howard; a Cidade Ideal, de Le Corbusier; e o projeto da Broadacre City, de Frank Lloyd Wright ambos com inspirações platônicas da obra “A República”. Após isso chega aos casos contemporâneos considerados por ele como utopias nostálgicas.

Na sequência, Harvey explica que as utopias do processo são os esquemas que idealizam o processo, e que: “costumam exprimir-se em termos puramente temporais” (HARVEY, 2004, p. 228). Para o autor essas utopias se perdem em meio a projetos abertos que não chegam a um ponto de conclusão, ou seja, não se materializam no espaço e no lugar.

Harvey exemplifica com o caso de Marx que precisou desconstruir um utopismo do processo de Adam Smith (1996) expresso na obra “A Riqueza das nações”. O autor concorda com uma premissa assinalada por Frankel em 1987 de que “os mais eficazes utopistas em épocas recentes têm sido os de persuasão direitista, que têm adotado primordialmente antes um utopismo do processo do que um utopismo da forma espacial” (HARVEY, 2004, p. 232).

Partindo desses opostos (utopia da forma e do processo), Harvey conclui propondo uma síntese que intitula como utopismo espaço-temporal (dialético) “que tenha raízes fincadas em nossas possibilidades presentes ao mesmo tempo que aponta trajetórias diferentes para os desenvolvimentos geográficos desiguais humanos” (Idem, p. 258).

Milton Santos (2003), faz uma precisa leitura do mundo a partir do processo globalizatório, identificando suas características como fábula e como perversidade. Na globalização como fábula o autor aponta as contradições da ideologia que a apresenta a globalização como um fenômeno que encurta as distâncias e que prega a redução do papel do estado e os conflitos gerados pelo aumento das desigualdades, redução da qualidade de vida e instauração de uma ditadura definida por ele como globalitarismo, Santos, propõe a sua síntese que intitula de “A Globalização como pode ser.”

Essa terceira perspectiva, é a própria utopia do autor que considera a intensificação da mistura de povos e filosofias em todos os continentes e a maior aglomeração populacional em áreas de alta densidade demográfica permitem um maior



dinamismo na mistura entre pessoas e filosofias. Santos aposta na existência de uma sociodiversidade,³ que em conúbio com o que denomina de cultura popular servida “dos meios técnicos⁴ antes exclusivos da cultura de massas” (SANTOS, 2003, p. 21), torna possível o exercer de uma revanche ou vingança. Ainda sobre a cultura popular, afirma:

Tal cultura realiza-se segundo níveis mais baixos de técnica, de capital e de organização, daí suas formas típicas de criação. Isto seria aparentemente, uma fraqueza, mas na realidade é uma força, já que se realiza, desse modo, uma integração orgânica com o território dos pobres e seu conteúdo humano (SANTOS, 2003, p. 145).

Para Santos (2003), a pobreza se difere da miséria, pois não é um estado de completa privação e quase aniquilamento da pessoa, mas consiste “em uma situação de carência, mas também de luta, um estado vivo, de vida ativa, em que a tomada de consciência é possível” (Idem, p. 132). Por isso, apesar da carência, pelo acesso aos meios técnicos, o pobre pode encontrar ferramentas para sua articulação política e social o que é possível de se observar na atualidade ocorrendo nas redes sociais com a articulação de diferentes setores da sociedade o que evidencia o papel estratégico da classe média.

Segundo Santos (2003), a experiência da escassez, leva a classe média a reagir negativamente à política. desejando menos política e participação, quando, na verdade, sua reação pode e deve ser oposta. Ele conclui afirmando que “seu papel não estará completo enquanto não se identificar com os clamores dos pobres, contribuindo, juntos, para o rearranjo e a regeneração dos partidos, inclusive, os partidos do progresso” (Idem, p. 139)

Tanto Santos, quanto Harvey conseguem identificar em suas análises as potencialidades do período emergente, ainda que a atual conjuntura aponte para um panorama distópico. Eles entendem que é preciso convergir as lutas para um enfoque que combata o cerne das desigualdades, que é estrutural. O mesmo também é afirmado por Brient (2009).

Assim, autores como Bey (2019), Santos e Harvey, compreendem por análises distintas a necessidade da existência das diversidades e importância das distintas

³ Tal evocação à importância da mistura dos povos e da sociodiversidade, também está presente na obra de Darcy Ribeiro: “O Povo Brasileiro”.

⁴ A compreensão da técnica como elemento chave para a análise geográfica é fundamental para o melhor entendimento do pensamento de Santos, que chega a considerar a Geografia como uma filosofia das técnicas (2008).



bandeiras e engajamentos, dentro de algo que estaria próximo ao conceito de heterotopias (FOUCAULT, 2013), mas ainda que apontando estratégias não similares, convergem com a conclamação de união dos povos para encabeçarem uma frente unificada de lutas que vise combater o problema estrutural e não as suas derivações. O conclame marxista da união dos proletariados (MARX; ENGELS, 1999), é revisado devido ao aprofundamento da socio diversidade mundial, ao mesmo tempo em que é reafirmado no sentido de se evidenciar a necessidade da união das forças oprimidas pelo sistema.

Evidenciou-se que apesar de partirem de diferentes perspectivas, algumas até certo ponto incompatíveis, os textos estudados independente de suas temporalidades e espacialidades, conseguiram identificar a necessidade de reformular a estrutura predominante, uma vez que essa é corrompida. O que muda é a escala e o caminho de início, mas a finalidade é convergente. Partindo dessa percepção, elaborou-se o entendimento do que denominamos como sendo as três escalas de revolução. Para sua compreensão é preciso aclarar uma questão fundamental, que está no transfundo de toda Utopia.

Qual é o principal anseio do ser humano? Alguns diriam que é a busca por segurança, outros que é o encontro de um amor, há quem afirme que é o progresso, mas em muitas possibilidades a se mencionar, basta um breve exercício de dedução para concluir que por trás de todos os objetivos que uma pessoa estabelece em sua vida o que lhe move é encontrar a felicidade.

Em um viés psicológico, se buscarmos respostas para o caminho que nos leva a felicidade, cairemos indubitavelmente na necessidade disso que é o autoconhecimento. Partindo de uma perspectiva espiritualista essa felicidade pode ser prometida na vida atual ou em outra existência tendo por remédio a conexão com o divino. Há também a busca da felicidade pela aquisição material ou pela construção de um mundo mais justo. No entanto, apesar de distintas, as perspectivas psicológicas, espiritualistas e materialistas não se excluem, ou ao menos não deveriam se anular.

Ao enquadrar as coisas no ou isso, ou no aquilo, o pensamento humano termina reduzindo a complexidade das interações entre o interior e o exterior e com isso excluindo possibilidades de compreensão do mundo. “De fato, a inspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Ela não quer dar todas as



informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitar suas diversas dimensões.” (MORIN, 1995, p.177).

Essa relação entre o íntimo e o exterior está expressa desde a antiguidade em distintos axiomas: o sábio Hermes Trismegisto explicou em sua Lei da Correspondência que “O que está em cima é como o que está embaixo. O que está dentro é como o que está fora.”. Premissa similar à do Pórtico do Oráculo de Delphus: “homem conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses.”. Paracelso afirmou que o microcosmo é como o Macrocosmo. E assim, desde a antiguidade, passando pela Idade Média e chegando à contemporaneidade essa premissa vem se repetindo e sendo reafirmada, a exemplo do que escreveu Bachelard em 1959 (1979, p. 339) "O no exterior e o no interior são ambos íntimos; estão sempre prontos a inverter-se, a trocar sua hostilidade" (p. 339). (BACHELARD, 1979, p. 339).

Assumindo que a busca pela felicidade é o princípio que move o homem, é possível considerar que esse princípio será moldado pelos valores sociais aos quais os indivíduos estão inseridos. Assim, partindo da experiência concreta de interação entre o corpo e o espaço, sempre em que o choque da distopia do real promove força para a reação, surgem as utopias. Algumas utopias se materializam, outras ficam no plano das ideias, mas o mais importante é a percepção de que são elas que põem a sociedade em movimento no sentido de buscar um mundo justo.

Dentre suas muitas aplicações o estudo da Geografia pode servir como um instrumento que nos cause choque nas consciências através de uma alfabetização espacial permitindo ler o mundo além das aparências. Essa é uma das premissas levantada por Lacoste quando considera que não há como os cidadãos tomarem consciência da complexidade do mundo em que estão inseridos sem se apropriar dos instrumentos que permitem a leitura do espaço geográfico nas suas diferentes escalas e arranjos espaciais.

“Os cidadãos mais politizados, os militantes, devem fazer uma análise espacial da crise em diferentes escalas, para ajudar na tomada de consciência coletiva dos problemas” (*Idem*, p. 182). Além da própria importância dada à necessidade de se fornecer a sociedade, os instrumentos para uma leitura adequada do espaço, o autor assim como Milton Santos, considera que aqueles com melhores condições técnicas (em seu sentido pleno) possuem um papel importante na articulação das diferentes escalas de luta.



Essa leitura Inter escalar espaço temporal, precisa partir do questionamento da ordem vigente, para que de uma constatação de distopias, seja possível pensar em novas possibilidades que visem a construção de um mundo mais justo. O estudo da Geografia das utopias é assim um convite à reflexão.

Essa reflexão, precisa ser perpetuada nas salas de aulas, mas também nos meios técnicos de comunicação, uma vez que a difusão das informações por meios de comunicação de longo alcance, não são mais uma exclusividade dos grupos hegemônicos, mas estão acessíveis às camadas populares. É preciso combater o conformismo e o pessimismo com a alegria da busca por um ideal, ainda que pareça impossível, mas é essa busca que move as transformações.

O papel da educação

O papel da educação é evocado por muitos dos que pensam e propõem a transformação da sociedade. Está no cerne da República de Platão, que pode ser considerado um tratado sobre a educação, mas também está no transfundo de toda evocação por liberdade de consciências, a exemplo da “Desobediência Civil” de Thoreau (1849) e na “Educação Fundamental” de Weor (2018).

Outro exemplo está na clássica obra de Lacoste, “*A Geografia isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra.*” que ainda que não seja uma utopia, destaca a importância que o professor de Geografia tem na educação dos indivíduos, fornecendo ferramentas para a tomada de consciência espacial.

A importância dada à educação como um instrumento de transformação social é observada por Joaquim Araújo e Alberto Araújo (2006, p. 101) em seu estudo das narrativas das utopias quando afirmam a respeito das utopias sociais que “mesmo não sendo utopias pedagógicas, preocupam-se com a formação do homem e contêm ideias sobre educação, seja sob a forma de críticas à educação da época seja na descrição de modos de pensar e fazer educação na cidade utópica.”

No caso brasileiro, seria uma gafe tratar a respeito da educação como um instrumento que promova libertação, sem mencionar as obras de Paulo Freire. Um exemplo para ilustrar o apelo utópico do autor está nas primeiras linhas de sua obra: “*Pedagogia da Esperança*”, em que escreve:



Quando muita gente faz discursos pragmáticos e defende nossa adaptação aos fatos, acusando sonho e utopia não apenas de inúteis, mas também de inoportunos enquanto elementos que fazem necessariamente parte de toda prática educativa desocultadora das mentiras dominantes [...] Para mim, pelo contrário, a prática educativa de opção progressista jamais deixará de ser uma aventura desveladora, uma experiência de desocultação da verdade. (FREIRE 1997, p. 5)

Ainda nessa obra, em diferentes momentos, o autor evoca o termo utopia enquanto explana sua experiência na utilização de uma didática que busca fazer com que o indivíduo perceba sua condição em meio ao sistema. Já no livro *“Pedagogia da Autonomia”*, em um dos tópicos debatidos, o autor elucida a respeito da necessidade de se conciliar a esperança e a alegria à prática pedagógica e afirma: “A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo.” (FREIRE, 1996, p.38)

Acrescentamos que sem esperança tendemos a cair no fatalismo espaço temporal. Freire, segue afirmando sobre o papel da educação que precisa estar alicerçado pelo educador da convicção de que a mudança é possível. O autor, em diversas obras traz a visão da escala na perspectiva educacional, quando afirma por exemplo que:

“Um dos equívocos funestos de militantes políticos de prática messianicamente autoritária foi sempre desconhecer totalmente a compreensão do mundo dos grupos populares.” (idem, p.42) E conclui afirmando que “Vendo-se como portadores da verdade salvadora, sua tarefa irrecusável não é propô-la, mas impô-la aos grupos populares.” (idem, p. 42)

Assim, de parágrafo em parágrafo Freire afirma e reafirma a necessidade de conscientização do papel da educação como um instrumento de intervenção no mundo, estando em consonância com outros pensadores que propuseram suas utopias, e que ao mesmo tempo precisa vir assistida de uma compreensão de mundo que parta de diferentes escalas. Por isso, a Geografia pode e deve exercer a sua contribuição para o norteamento das construções utópicas.

As Utopias podem ser pensadas e construídas em diferentes escalas



É possível identificar semelhanças nos pensamentos de alguns autores, no que se refere ao que definimos como três escalas de atuação. A primeira escala é a do corpo e se remete à necessidade de um choque de consciência associado a uma mudança do indivíduo que pretenda transformar o mundo, ou seu mundo interior.

Nessa primeira escala, encontramos similaridades nas propostas de autores que têm uma linha psicológica, pedagógica ou espiritualista como base das transformações sociais. Ela é a base de toda a mudança, pois não é possível transformar o exterior, sem antes compreender o que dessa escala externa está presente no mundo interior, para partindo da própria transformação como sujeito, ser a mudança que almeja para o mundo. Tais premissas estão presentes nas diferentes alegorias de Platão (1949), ou na constante evocação de uma consciência trazida por Thoreau (1849), ou nos escritos de Weor (2018, 2019)

No entanto, seja por uma evocação da necessidade do encontro do indivíduo com o outro como uma base para a felicidade (RIBEIRO, 2018; 2021), ou pela lógica de que qualquer transformação que se limite a seu ciclo estará sujeita às influências do mundo que a rodeia, a construção de uma utopia psicológica ou espiritual, precisa ser alicerçada com a congregação de pares que busquem princípios similares, desencadeando assim a segunda escala de revolução, a heterotópica.

A segunda escala é a da mudança de sua realidade externa imediata, o que estaria intimamente relacionado com o lugar. Nessa segunda escala, as heterotopias teriam um apelo mais democrático, do que a de uma utopia rígida e autoritária. É também a utopia mais possível para os que simplesmente buscam sair do sistema. Muito além disso, é a utopia de todas as lutas anticapitalistas que visam combater as consequências da estrutura sistêmica. Elas, no entanto, tendem a se deparar com os entraves de ser uma ilha sujeita às influências do Oceano.

Por isso, a construção de uma terceira e mais ampla escala de transformações, precisa ser combinada pelo desenvolvimento concomitante das diferentes pautas individuais. As diversidades locais, precisam ser respeitadas, bem como a heterogeneidade de visões. Ao mesmo tempo, é preciso despertar a sensibilização das heterotopias conformistas com a estrutura, para que compreendam que tanto no caso das reações, como das afirmações, suas pautas são prejudicadas pelo modelo estrutural sistêmico. Respeitando as diversidades e buscando sensibilizá-las em torno de um foco



em comum, é possível pensar em uma articulação que possa espaço temporalmente ser efetiva nas mudanças estruturais.

A terceira escala, exigiria a articulação do que Harvey (2004) define como utopia da dialética, no qual a utopia do processo e a utopia da forma interagem. Em tal escala a necessidade de pensar a articulação dos pontos em redes, é fundamental. Um possível caminho para essa articulação é possível de visualizar na obra de Santos (2003) principalmente no que se refere ao entendimento do autor sobre a importância do lugar e o período popular.

O foco

Considerando a premissa de que as fragmentações contribuem para a dispersão e enfraquecimento de uma sinergia que permita articular potências contra a causa central dos problemas, ao invés de focar em suas derivações, é preciso refletir a respeito de qual o principal foco a se combater e partindo da identificação de um alvo, compreender qual a melhor estratégia a se utilizar.

Já é evidenciado por diversos autores, que o Estado-Nação hoje, não passa de um fantoche que é manipulado pelas grandes corporações. Harvey (2005), no livro “*O Novo Imperialismo*”, detalha como a espoliação espacial se dá pela reprodução do capital nas “novas fronteiras”.

Assim, a máquina ideológica desvia o foco para os conflitos entre países, ou as divergências internas entre os partidos políticos (que com raras exceções tendem a reproduzir o sistema, seja em uma lógica progressista ou conservadora), ou entre as divergências religiosas, de concepções sociais e até mesmo através da competitividade instaurada em todas as instâncias da vida (a exemplo do sistema de ensino, das rivalidades bairristas e paroquianas, as disputas em todas as esferas do lazer, etc.).

No entanto, enquanto os indivíduos disputam entre si pelas migalhas que o sistema oferece, ou até mesmo sem ganhar nada em troca disso, são as grandes corporações e uma irrisória parcela de indivíduos que concentram a grande fatia dos recursos mundiais, produzindo intencionalmente a miséria e desigualdade em seu projeto de manutenção do poder. A consciência desta situação já deveria ser suficiente para alertar à massa a respeito de sua situação de escravizado, mas também para



mobilizar a articulação da sociedade civil, ou das sociedades civis em todo o planeta, em busca de uma mudança do que está estabelecido.

Se considerarmos a premissa das três escalas de revolução partindo de uma concepção interescalar, podemos compreender que o triplo foco de atuação pode e deve ser combinado em um no sentido da escala pessoal alicerçada pelo respeito à sociodiversidade e da congregação das sociosimilaridades para que concomitantemente se pense na articulação das pautas particulares em uma marcha única.

A primeira premissa parte da necessidade de uma educação libertadora, que não seja um bombardeio conteudista cujo objetivo é preparar o indivíduo para o mercado de trabalho, mas que seja o caminho para que cada indivíduo possa compreender sua posição na escala planetária se apropriando dos recursos que lhe permitam livrar-se da lógica nociva do sistema, pautada nos pilares da globalização perversa (SANTOS, 2003) que fragmenta as consciências na lógica da competitividade, consumismo e a superficialidade da cultura da imagem. Se essa educação não é acessível nos meios formais, pode ser disponibilizada por instituições da sociedade civil engajadas na promoção de tais ideais.

Ao mesmo tempo, em que a busca por uma mudança de concepção interior se processa, a segunda premissa visa a transformação da realidade direta, que consiste na construção das pequenas utopias que permitam, dentro de cada particularidade, a constituição de comunidades que reúnam indivíduos com afinidades em suas buscas para fortalecer os vínculos de cooperação.

O terceiro foco, é o da articulação das diversas lutas em uma única bandeira que vise uma integralidade nas ações, buscando solapar as intencionalidades do poder hegemônico que rege as esferas psíquicas e materiais do planeta. Já existem meios técnicos que permitem isso, também há informações suficiente acessível a quem queira. Também existem pessoas engajadas. A Primavera Árabe foi um exemplo do que a informações e o acesso aos meios técnicos pode promover se utilizado para articular as forças populares. No entanto, isso não poderá ocorrer, enquanto imperar a alienação e a confusão dos espíritos.

Considera-se que já existem muitos casos em todo o mundo de indivíduos e grupos que buscam de uma forma ou de outra fazer frente às imposições capitalistas, o que Harvey (2004) considera ser muitas formas de lutas anticapitalistas. O grande



desafio é criar a consciência de que as diferentes lutas contra as derivações precisam se somar a uma luta contra os poderes hegemônicos.,

Por isso, a construção de uma Geografia da Utopia, precisa ser pensada no intuito de desvelar para a sociedade as ferramentas de leitura espacial, para que cada indivíduo possa tomar consciência de sua condição, ao tempo que entenda a necessidade de respeitar as escalas das diferenças enquanto se une à escala da marcha unificada.

Em um mundo de distopias, onde a alienação é predominantemente majoritária e as forças do desânimo bombardeiam aos que ensaiam a insurgência, a tendência ao conformismo tende a ser a tônica social. Observa-se que aqueles que deveriam questionar a ordem das coisas, muitas vezes consideram que os caminhos possíveis são os que jogam com as ferramentas do próprio sistema e assim rechaçam a própria ideia da Utopia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Utopia é inalcançável, mas a tomada de consciência dessa condição não deve ser usada para a formulação de discursos conformistas, mas para a compreensão de que o ideal distante deve servir para manter a sociedade em movimento, na busca do progresso e a perfeição.

Esse pensamento precisa estar vivo nas salas de aula para que a formação dos sujeitos que constroem a sociedade seja dotada de visão crítica diante das crueldades do sistema ao tempo em que se fomente a chama da transformação rompendo com as visões conformistas e alienadas de mundo.

A Geografia das Utopias, pode e deve ser a Geografia Histórica das Utopias no sentido de aclarar aos espíritos que a história da humanidade é repleta de injustiças ao tempo em que é rica em lutas, resistências, insurreições e guiada pelos impulsos das almas revolucionárias.

Esses exemplos precisam estar claros na visão dos que constroem e construirão a sociedade, não para que se busque repetir os modelos falidos do passado, mas para que todo o potencial criativo da humanidade seja posto em ação para a busca disso que é a meta de todo o ser humano, a felicidade.

A compreensão das três escalas de revolução, pode ser um importante instrumento que ajude às consciências que buscam se libertar dos grilhões do sistema,



em seu empreendimento. No entanto, mais do que a base para uma tomada de consciência, a compreensão das diferentes escalas, permite aos sujeitos se reconhecerem e respeitarem enquanto diversidade, mas também enquanto iguais.

Quando nos fizeram crer que as Utopias eram devaneios, mataram o que há de sublime no coração de cada indivíduo, a esperança de dias melhores. Essa esperança é a chama que permite com que permaneçamos em postura de combate. Se as esperanças se esvaem, fogem com ela o espírito de luta, por outro lado enquanto há esperança flameja a chama da alegria revolucionária. A Geografia das Utopias tem o caráter festivo das transformações, ela deve primar pelo olhar crítico sem se perder na dor, mas com o ânimo que toda alma precisa para engajar as transformações.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. M.; ARAÚJO, A. F. Utopia e educação. In: **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Ano 40-1, 2006, p. 95-117.

BACHELARD, G. A poética do espaço, in: **Bachelard**. Coleção Pensadores São Paulo: Abril, 1979, p. 181-354.

BRIENT, J.-F. **Da servidão moderna**. 2009. Disponível em: <[http://www.delaservitudemoderne.org/ Documents/daservidaomoderna.pdf](http://www.delaservitudemoderne.org/Documents/daservidaomoderna.pdf)>. Acesso em: jun. 2020.

ENGELS, F.; MARX, K. **Manifesto do partido Comunista**. (Versão para e-book), RokectEdition, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessário à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, As heterotopias**. São Paulo, n-1 Edições, 2013.

HARVEY, D.. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

HARVEY, D.. **O Novo Imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2005.

LACOSTE, Y. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 2012.

MORIN, E.. (1995) **Ciência com consciência**, São Paulo: Companhia das Letras.

MORUS, T.. **UTOPIA**, 1516, Acessado em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/utopia.pdf>, 2020.



ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE – OPAS. **Folha informativa COVID-19**. Escritório da OPAS e da OMS no Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 24 set. 2020.

PLATÃO. **A República**. tradução: Pereira Maria H. R., Fundação Calouste Gulbenkian, 1949, 9ª Edição

RIBEIRO, D. A. **Migrações para o Eixo Pelourinho Santo Antônio**. 2018. Tese (Doutorado)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SANTOS. M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4º ed. 4. Reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS. M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SMITH, A. **A riqueza das nações**. Nova Cultural Ltda, São Paulo, 1996.

THOREAU, H. **Desobediência Civil**, 1849 (versão para e-book)

WEOR, S. A. **A Revolução da Dialética**. Camanducaia, Gnosis Brasil, 1985

WEOR, S. A. **Educação Fundamental**. Camanducaia, Gnosis Brasil, 1970